

# Boletim

*da Academia Galega  
da Língua Portuguesa*

## Homenagem ao Prof. **Malaca Casteleiro**

Carlos Reis | Álvaro Iriarte Sanromán | Augusto Soares da Silva  
Helena Figueira | Afonso Mendes | Pedro Mendes | Cláudia Pinto  
Margarida Costa | Claudia Bergami | Crisanto Veiguela Martins  
José-Mª Monterroso | Manuel Andrade Valinho | Luís Magarinhos  
Mª Zélia Borges | José Paz Rodrigues | António Gil Hernández  
Manuel Castelão | Renato Epifânio | Dina Mª Martins Ferreira  
Ángelo Cristóvão | Concha Rousia | Isabel Rei | Ernesto V. Souza  
Higino Martins | Mª Seoane Dovigo | Joám Trilho | Carlos Durão  
Álvaro Vidal | Carlos Varela | Carlos Quiroga | Mª Isabel Morán

*Boletim da  
Academia Galega  
da Língua Portuguesa*

---



Academia Galega da  
Língua Portuguesa

*Boletim da  
Academia Galega  
da Língua Portuguesa*

n.º 4 / 2011

**Diretor**

António Gil Hernández

**Secretário**

Ângelo Cristóvão Angueira

**Conselho de Redação**

**Conselho Científico**

Celso Álvarez Cáccamo (UdC); Carlos Assunção (UTAD); J. Malaca Casteleiro (ACL); Evanildo Bechara (ABL); Zélia Borges (Mackenzie); Paulo Borges (FLUL); Anabela Brito (ULP); Regina Brito (Mackenzie); Luís G. Soto (USC); Carlos Garrido (UVigo); M<sup>a</sup> Henriques (UVigo); Álvaro Iriarte (UMinho); Cristina de Mello (UCoimbra); Cilha Mória (UdC); Isabel Moran (USC); José Paz (UVigo); Carlos Reis (UAb); Ricardo Reis (UVA); José L. Rodríguez (USC); Augusto S. da Silva (UCP Braga); Jurjo Torres (UdC); Álvaro Vidal (UNottingham); Xavier Vilhar (USC); Beatriz Weigert (UEvora).

**Impressão**

Tórculo Artes Gráficas

**Depósito Legal** C-2345/08

**ISSN** 1888-8763

**Subdiretor**

José-Martinho Montero Santalha

**Edição**

Iolanda Mato Creo e Joám Evans Pim

Isaac Alonso Estraviz; Ângelo Cristóvão; Joám Evans Pim (Editor); António Gil Hernández (Diretor); Luís Gonçalves Blasco; José-Martinho Montero Santalha; Isabel Rei Samartim; Rudesindo Soutelo; Concha Rousia.

**Conselho Assessor**

Artur Alonso Novelhe; José Manuel Barbosa; Ângelo Brea Hernández; Margarida Castro; Henrique Correia; Chrys Chrystello; Marcos Crespo; Renato Epifânio; Carlos Durão Rodrigues; Vítor Lourenço Peres; Higinio Martins Estevez; Anabela Mimoso; Mário Afonso Nozeda Ruitinha; Henrique Salles da Oliveira; Francisco Paradelo Rodríguez; Ramom Reimunde Noreña; Valentim Rodrigues Fagim; José R. Rodrigues Fernandez; Cathryn Teasley Severino; Joám Trilho; Fernando Vazques Corredoira; Xavier Vásquez Freire; Ernesto Vasques; Crisanto Veiguela Martins.

**Edita**

Academia Galega da Língua Portuguesa  
Rua de Castelão n.º 27  
15900 Padrão, Galiza

<http://www.aglp.net> | [pro@aglp.net](mailto:pro@aglp.net)

## Conteúdos

### ESTUDOS

A defesa da língua ou a língua como defesa	<i>Carlos Reis</i>	<b>11</b>
O repto dos vocabulários ortográficos	<i>Álvaro Iriarte Sanromán</i>	<b>25</b>
Sinonímia, conceptualização e variação social	<i>Augusto Soares da Silva</i>	<b>35</b>
Dicionário Priberam da Língua Portuguesa	<i>Helena Figueira, et al.</i>	<b>55</b>
O Grande Dicionário da Língua Portuguesa	<i>M<sup>a</sup> Margarida Gomes Faria da Costa</i>	<b>69</b>
A multiplicidade léxica de Moçambique	<i>Cláudia Bergamini</i>	<b>83</b>
O nome de lugar Vila-daelhe ou Vila-delhe	<i>Crisanto Veiguela Martins</i>	<b>91</b>
Os nossos nomes de família	<i>José-M<sup>a</sup> Monterroso Devesa</i>	<b>99</b>
Do big-bang aos planetas extrassolares	<i>Manuel Andrade Valinho</i>	<b>111</b>
O marcador discursivo <i>mas</i>	<i>Luís Magarinhos</i>	<b>127</b>
As palavras de Robindronath Tagore	<i>José Paz Rodrigues</i>	<b>137</b>
Linguagem na obra do genio do samba paulistano	<i>Maria Zélia Borges</i>	<b>147</b>
Apontamentos para uma galeguística	<i>António Gil Hernández</i>	<b>167</b>
Revisitação d'Os Eidos	<i>Manuel Castelão</i>	<b>185</b>

Nos 15 anos da CPLP	<i>Renato Epifânio</i>	<b>201</b>
Identidade nacional e transnacional	<i>Dina Maria Martins Ferreira</i>	<b>211</b>
<b>INSTITUIÇÃO</b>		
Memória do ano 2010	<i>Ângelo Cristóvão</i>	<b>229</b>
Crónicas do Brasil	<i>Concha Rousia e Isabel Rei</i>	<b>235</b>
Unindo passado e futuro	<i>Concha Rousia</i>	<b>251</b>
II Seminário de Lexicologia	<i>Ângelo Cristóvão</i>	<b>255</b>
Portulano de recursos em linha	<i>Ernesto Vasques Souza</i>	<b>263</b>
Galiza na América do Sul	<i>Higino Martins Esteves</i>	<b>265</b>
<b>PUBLICAÇÕES</b>		
Cantares galegos	<i>Maria Seoane Dovigo</i>	<b>273</b>
Ayes de mi País	<i>Joám Trilho</i>	<b>277</b>
Traditional Marking Systems	<i>Carlos Durão</i>	<b>281</b>
O Mariscal	<i>Isabel Rei Samartim</i>	<b>285</b>
Português em contato	<i>Álvaro J. Vidal Bouzon</i>	<b>289</b>
O Sempre em Galiza para Portugal	<i>Carlos C. Varela</i>	<b>297</b>
Fernando Pessoa em concreto	<i>Carlos Quiroga</i>	<b>303</b>
Miscelânea de reflexões e estudos em torno da língua	<i>Maria Isabel Morán Cabanas</i>	<b>307</b>

## **O repto dos vocabulários ortográficos**

O Dicionário de Espanhol-Português  
como ferramenta para a codificação  
do português da Galiza\*

Álvaro Iriarte Sanromán

### **Resumo**

Falar não é um ato puramente criativo (ou é menos criativo do que imaginamos), no sentido de que cada vez que utilizamos a linguagem combinamos livremente (utilizando as regras do sistema) e de maneira inovadora os signos, as unidades, as palavras de que dispomos. Reproduzimos de uma maneira muito mais frequente do que parece conjuntos de palavras ou estruturas lexicais pré-fabricadas, fazendo, pois, um uso limitado das possibilidades combinatórias da língua teoricamente ilimitadas, poderíamos pensar. Em casos de línguas afins como o espanhol e o português, com um vocabulário muito semelhante, e até com regras gramaticais também muito próximas, a diferença entre ambas está, muitas vezes, na combinatória lexical e no uso pragmático-contextual que se faz deste vocabulário “quase” comum.

### **Palavras-chave**

Vocabulário, combinatória lexical, espanhol-português, codificação, português da Galiza.

### **Abstract**

Speaking is not a purely creative act (or it is less creative than we imagine), in the sense that every time we use language we freely and innovatively combine (using the rules of the system) the signs, the units, the words at our disposal. We reproduce, more often than it seems, sets of words or prefabricated lexical structures, therefore making limited use of the combinatory possibilities of language, theoretically unlimited as we might think. In the case of languages with such affinity as Spanish and Portuguese, with very similar vocabulary, and even with very close grammatical rules, the difference between them is quite often in the lexical combination and pragmatic contextual use made of this “almost common” vocabulary.

### **Key words**

Vocabulary, lexical combination, Spanish, Portuguese, codification, Portuguese of Galiza.

---

\* Comunicação apresentada ao Seminário de Lexicologia da AGLP, Compostela, 5 de outubro de 2009 Fundação Caixa Galicia. Rua do Vilar, 17 – Santiago de Compostela.

Os dicionários de língua, em geral, e particularmente os dicionários bilíngues, os dicionários de sinónimos e de antónimos, os dicionários terminológicos (especialmente os plurilingues) e os dicionários ideológicos tradicionais apresentam uma visão redutora dos significados das palavras que recolhem ao não tomar em conta, na descrição das aceções das mesmas, as relações sintagmáticas que umas palavras estabelecem com outras para atualizar os diferentes sentidos.

Com efeito, muito frequentemente, os dicionários apresentam como aceção de uma palavra o que, em rigor, é o significado dessa palavra combinada com outras palavras (“ter bom ouvido”, como aceção de *ouvido*, por exemplo). Tais aceções são, de facto, combinações lexicais que deveriam ser registadas, em forma de subentradas, na parte sintagmática ou combinatória do dicionário.

Estas combinações pluriverbais deverão ser recolhidas (por ordem alfabética) no fim do artigo lexicográfico, porque nem sempre é possível associar uma expressão pluriverbal a uma determinada aceção do lema. Isto é evidente no caso das expressões idiomáticas: sob que aceção de *deitar*, *foguete* ou *festa* recolhemos a expressão “*deitar foguetes antes da festa*” (= regozijar-se prematuramente)?

Insisto: a prática de associar combinações lexicais a uma determinada aceção assenta muitas vezes no facto de o dicionário atribuir um determinado sentido a uma aceção de uma palavra que, em rigor, é o sentido dessa palavra combinada com outra ou outras palavras.

Analisemos o caso que acabei de referir, em que se considera como sendo uma aceção da palavra *ouvido* (Calderón Campos, 1994: 58) o que, num contexto real, se exprime em combinações como “ter bom ouvido” ou “ter mau ouvido”, nos seguintes dicionários portugueses (*Porto Editora*, *Aurélio* e *Caldas Aulete*):

**ouvido**, s. m. audição; aparelho de audição; acto ou efeito de ouvir; facilidade em fixar de memória peças musicais, ou em distinguir faltas de afinação; ... (*Porto Editora*).

**ouvido**, [Part. de *ouvir*] S. m. **1.** [...] **2.** [...]. **3.** Aptidão para captar com relativa precisão sons musicais ou não, e de reproduzir aqueles sem o auxílio de partitura: *ter bom ouvido*. ... **4.** [...] • [...] **Ter bom ouvido.** Ter fácil percepção de sons, especialmente musicais. (*Aurélio*).

**ouvido**, s. m. um dos cinco sentidos [...]. || [...] *Ter bom ouvido*, ter boa disposição do órgão do ouvido para perceber os sons, e especialmente os musicais. [...]. (*Caldas Aulete*).

No *Porto Editora* considera-se como sendo uma aceção da palavra “ouvido” o que, num contexto real é exprimido pela locução “ter bom ouvido”.

No caso do *Aurélio* regista-se uma contradição, pois o mesmo significado ('aptidão para captar com relativa precisão sons musicais') é atribuído tanto à palavra "ouvido" como à expressão "ter bom ouvido", que aparece como locução no fim do artigo. O mesmo acontece no *Dicionário da Academia* e no *Houaiss*.

Não é este o caso do *Caldas Aulete*, que regista este valor unicamente como locução. Como já indicava Rodrigues Lapa (Lapa, 1984<sup>1</sup>), é um excelente dicionário quanto ao tratamento da combinatória lexical.

Os dicionários, ao excluir as possibilidades combinatórias das palavras, estão, implicitamente, a pressupor a existência de um paralelismo na organização léxico-semântica e sintática das duas línguas. Isto, como adiantávamos, apesar do princípio de arbitrariedade do signo linguístico estabelecido por Saussure no seu *Curso de Linguística Geral*. Com efeito, Saussure (1992) entende este carácter arbitrário do signo não só como oposto à motivação onomatopéica, no sentido óbvio de que não há uma relação direta entre o significante e o significado (Saussure, 1992: 126-127) [todos se lembram dos famosos exemplos de *equus/cavalo/horse*, etc.], mas também, e muito mais importante, esta conceção de arbitrariedade leva Saussure a contestar a ideia de língua como uma nomenclatura em que as unidades se justapõem, e a concebê-la antes como uma estrutura em que se estabelecem relações:

A primeira coisa que se destaca nesta organização são as *solidariedades sintagmáticas*: quase todas as unidades da língua dependem quer do que as enquadra na cadeia falada, quer das partes sucessivas de que elas se compõem. (Saussure, 1992: 214).

Será esta arbitrariedade a que levará a combinar em português e em espanhol:

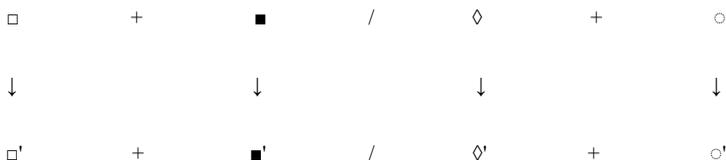
<i>português</i>	<i>espanhol</i>
lâmpada <b>fosca</b>	bombilla <b>mate</b>
<b>fotografia mate</b>	fotografia <b>mate</b>

<i>português</i>	<i>espanhol</i>
prótese <b>dentária</b>	prótesis <b>dental</b>
<b>fio dental</b>	hilo (seda) <b>dental</b>

<sup>1</sup> «É precisamente neste capítulo da fraseologia, muito importante, que os dicionários correntes deixam mais a desejar. O mais celebrado de entre eles e o mais moderno dos grandes dicionários, o de Cândido de Figueiredo, é muito pobre em grupos fraseológicos, o que constitui um grave defeito, porque é nessas locuções que se imprime o chamado génio da língua. Como repositório de fraseologia, nada há que possa substituir entre nós o *Dicionário Contemporâneo* de Caldas Aulete.» (Lapa, 1984: 83).

É esse “paralelismo” na organização léxico-semântica e sintática que, na Galiza, encontramos em tantos decalques do castelhano. Estamos aqui perante uma conceção das línguas como nomenclaturas em que as palavras são etiquetas que se aplicam às coisas previamente existentes.

É a língua concebida apenas como um conjunto de etiquetas (palavras) que se combinam por meio de regras gramaticais:



Vejamos alguns desses decalques do castelhano:

*el alto el fuego*

↓ ↓ ↓ ↓  
o alto o fogo (o cessar-fogo)

*celebrar una reunión*

↓ ↓ ↓  
celebrar uma reunião  
(realizar/efetuar uma reunião)

*entablar una conversación*

entabuar uma conversa  
(encetar uma conversa)

*espantar pájaros*

espanta-pássaros<sup>2</sup> (espantalho)

*fecha de caducidad*

data de caducidade  
(prazo de validade)

*hacer la puñeta*

fazer a punheta (encher a cabeça)

<sup>2</sup> A questão das unidades pluriverbais pouco tem a ver com a tradição ortográfica —cf., por exemplo, *primeiro ministro* (Vilela, s.v. **salário**) vs. *primeiro-ministro* (Vilela, s.v. **reunir**), *caminho-de-ferro* (Porto Editora) vs. *caminho de ferro* (Cândido) vs. *estrada de ferro* (Porto Editora e Aurélio), *co-opositor* vs. *coocupante* (Aurélio) vs. *co-ocupante* (Porto Editora); etc. De facto, a prática de grafar com hífen algumas formas compostas não passa de uma convenção puramente gráfica que parece não visar senão uma solução para o problema da lematização destes compostos (um caso evidente é a entrada **bilhete-de-identidade**, no *Dicionário da Academia*). Sobre o assunto, vd. Mathieu-Colas (1994), Catach (1981), Herculano de Carvalho (1979: 506-507, nota 9). À partida, a minha posição sobre o uso do hífen nos compostos resume-se a isto:

← tendencialmente aglutinados..... tendencialmente disjuntos →  
prefix. e c. morfológicos ----- compostos morfosintáticos ----- compostos sintáticos\*  
(contraíndicação, extraescolar) (camião cisterna, amarelo canário) (primeiro ministro, castanho claro)

\*(salvo com adv. e prep.)

Evitando, sempre que possível, o uso do hífen. Mas, lamentavelmente, o AO afasta-nos claramente de uma proposta como esta.

*hacer la vista gorda*  
fazer a vista gorda  
(fazer vista grossa)

*fallo del juez*  
falho do juiz  
(sentença do juiz)

*intereses bancarios*  
interesses bancários  
(juros bancários)

*en la cuerda floja*  
na corda frouxa  
(na corda bamba)

*ostentar el cargo*  
ostentar o cargo  
(ocupar um cargo)

*hacer tiempo que...*  
fazer tempo que  
(haver tempo que)

*ingresar dinero*  
ingressar dinheiro  
(depositar dinheiro)

*levantar la sesión*  
levantar a sessão  
(encerrar a sessão)

*el abajo firmante*  
o abaixo assinante  
(o abaixo assinado)

*pagar dietas*  
pagar dietas  
(pagar ajudas de custo)

Qualquer dicionário bilingue, e de maneira especial o dicionário de espanhol-português não poderá limitar-se a fornecer apenas uma simples listagem das palavras existentes numa língua e o seu eventual equivalente na outra (ficando assim reduzidas as diferenças entre uma e outra língua apenas a questões de tipo gráfico ou pouco mais):

*alto* = alto  
*fuego* = fogo  
*celebrar* = celebrar  
*reunión* = reunião  
*entablar* = entabuar  
*conversación* = conversaçã  
*espantar* = espantar  
*pájaro* = pássaro  
*fecha* = data  
*caducidad* = caducidade  
*hacer* = fazer  
*puñeta* = punheta  
*vista* = vista  
*gordo* = gordo  
*tiempo* = tempo  
*fallo* = falho  
*juez* = juiz

*ingresar* = ingressar  
*dinero* = dinheiro  
*interés* = interesse  
*bancario* = bancário  
*levantar* = levantar  
*sesión* = sessão  
*cuerda* = corda  
*floja* = frouxa  
*abajo* = abaixo  
*firmante* = assinante  
*ostentar* = ostentar  
*cargo* = cargo  
*pagar* = pagar  
*dietas* = dietas  
*venta* = venda  
*detalle* = detalhe  
*menor* = menor

O problema coloca-se de maneira especial ao situarmo-nos na direção de síntese, codificação ou produção textual, atendendo a que as possibilidades combinatórias (usos léxico-sintático-semânticos) e os usos pragmáticos variam de língua para língua. Não é especialmente difícil descobrir que o sintagma português *encerrar a sessão* quer dizer em espanhol *levantar la sesión*. Da mesma maneira, ao procurarmos o significado do adjetivo *bambo*, que ocorre colocação<sup>3</sup>, ou combinação, *corda bambu*, descobriremos facilmente que se trata do sintagma espanhol *cuerda floja*. Mas o que é que acontece quando um utilizador do dicionário espanhol-português quer produzir um texto em português e desconhece estas construções? A maior parte dos atuais dicionários pouco ou nada ajudarão. E não porque não forneçam informação sobre essa aceção concreta do lema *bambo*, mas porque normalmente essa informação é recolhida no artigo lexicográfico *bambo*, justamente o termo que o utilizador desconhece. Quer dizer, o utilizador desconhece qual é a palavra que se combina com *corda* para dizer em português “*en la cuerda floja*”.

Não há regras na gramática do português que impeçam a construção de sintagmas como os decalques apresentados. É impossível estabelecer regras de comportamento sintático gerais para todos os frasesmas ou para todas as colocações justamente porque estamos perante fenómenos que não são regulares. Estamos, pois, perante casos evidentes de combinatoria léxica restrita. Do ponto de vista semântico e sintático, nada impediria construir um sintagma como “*\*na corda frouxa*”, “*\*data de caducidade*”<sup>4</sup> ou “*\*ingressar dinheiro*”, mas o uso consagrou as combinações *na corda bambu*, *prazo de validade* e *depositar dinheiro*. Aliás, incorporei propositamente o exemplo “*data de validade*” por se tratar de uma combinação livre perfeitamente gramatical em português e usada noutros contextos.

---

<sup>3</sup> O termo e o conceito de “colocação” é utilizado, a partir de meados de século, por diferentes correntes teóricas linguísticas assim como pela metalexigrafia com dois sentidos diferentes: a) combinações frequentes, prováveis ou usuais de palavras (nomeadamente substantivo + adjetivo e verbo + substantivo) e b) combinações de palavras aparentemente livres, geradas a partir das regras da língua, mas onde atua qualquer tipo de restrição lexical determinadas pela norma. Utilizamos aqui o termo e o conceito colocação tal como se entende na Teoria Sentido-Texto: numa colocação AB, pensemos por exemplo em *ódio mortal*, um dos seus elementos constituintes, A (*ódio*), é selecionado pelo falante por causa do seu significado, que é conservado intacto; mas o segundo elemento constituinte, B (*mortal*), não é selecionado livremente pelo falante, e significa ‘C’ (‘intenso’), diferente de ‘B’ (‘que causa ou pode causar a morte’). Fora da colocação AB, B (*mortal*) não seria usado para exprimir ‘C’ (‘intenso’) (vd. Mel’cuk (1992) e Alonso Ramos (1993)).

<sup>4</sup> Com o cardinal (#) queremos indicar impropriedade pragmática. Outros exemplos de impropriedade pragmática: *\*A fruta está cheia de pisaduras* (cf. *La fruta está llena de magulladuras*); *\*Cheio* (verbo) [o depósito, numa bomba de gasolina] (*Lleno* (adjetivo)); *\*Productos lácteos* (por *lacticínios*); *\*Industrias lácteas* (por *Indústrias de lacticínios*); *\*leite desnatado* (por *leite magro*)

Um bom tratamento lexicográfico destas palavras passa pela recolha das diferentes possibilidades combinatórias de um vocábulo, ou, em palavras de um teórico da lexicografia, «las combinaciones específicas, relevantes, cotidianas que regularmente son empleadas para enunciar los acontecimientos típicos alrededor del vocábulo» (Irsula, 1992: 166).

Assim, no caso da listagem anterior, o dicionário bilingue de espanhol-português deverá recolher, para além dos lexemas de (a), entre outras, as seguintes combinações:

<i>el alto el fuego</i>	o cessar-fogo
<i>celebrar una reunión</i>	realizar, efetuar, uma reunião
<i>entablar una conversación</i>	encetar uma conversa
<i>fecha de caducidad</i>	data de caducidade, prazo de validade
<i>hacer la puñeta</i>	encher a cabeça
<i>hacer la vista gorda</i>	fazer vista grossa
<i>hacer tiempo que...</i>	haver tempo que...
<i>fallo del juez</i>	sentença do juiz
<i>ingresar dinero</i>	depositar dinheiro
<i>intereses bancarios</i>	encerrar a sessão
<i>levantar la sesión</i>	juros bancários
<i>en la cuerda floja</i>	na corda bamba
<i>el abajo firmante</i>	o abaixo assinado
<i>ostentar el cargo</i>	ocupar um cargo
<i>pagar dietas</i>	pagar ajudas de custo
<i>venta al detalle, venta al por menor</i>	venda a retalho, venda por miúdo

## Conclusão

A unidade lexicográfica virá determinada tanto co-textualmente (quer dizer, pelo contexto linguístico) como pragmática e contextualmente. O sentido de uma palavra ou grupo de palavras poderá ser aclarado ou delimitado pelo universo do discurso ou marco de referência, pelo contexto ou pelas restantes unidades léxicas que, juntamente com o ela, conformam o sintagma.

Em casos de línguas tão afins como o espanhol e o português, com um vocabulário muito semelhante, e até com regras gramaticais também muito próximas, a diferença entre ambas está justamente na combinatória léxica e no uso pragmático-contextual que se faz deste vocabulário “quase” comum.

A informação sobre combinatória lexical é uma mais-valia importante em qualquer dicionário. Apresentaremos a seguir dois gráfico que, de alguma maneira, tentam quantificar o tratamento que alguns dicionários (monolíngues e bilingues espanhol-português) dão à importante questão da combinatória lexical e que se pode resumir dizendo que o *valor* (aceção) da palavra vem dado também pela combinação da mesma com outras palavras.

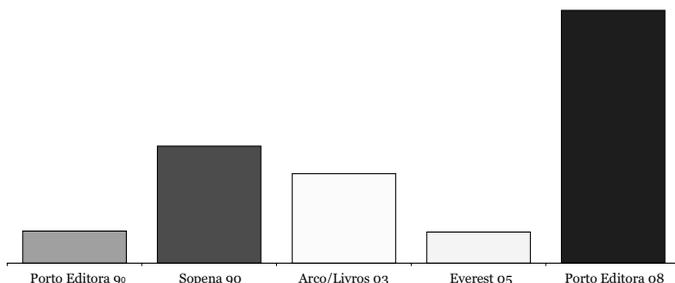


Gráfico 1. Dicionários bilingues espanhol-português: combinatória lexical.

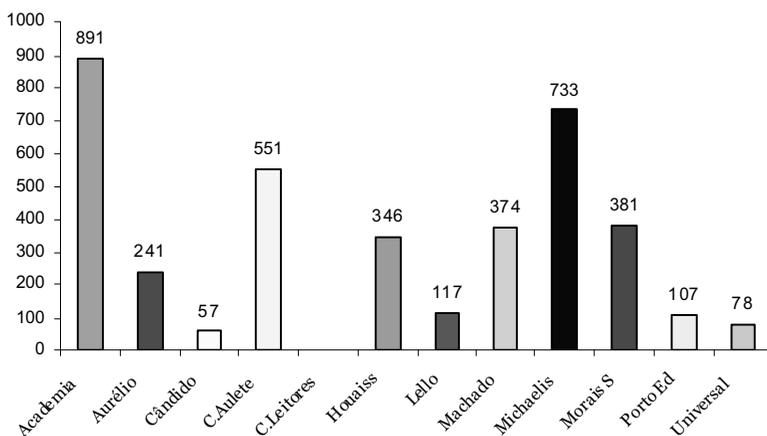


Gráfico 2. Dicionários monolíngues: sub-entradas.

Como podemos observar, no gráfico destaca-se um dicionário, o *Dicionário da Academia*, um dos melhores dicionários portugueses no que se refere à combinatória lexical, fraseologia, exemplos e abonações. Isto, apesar de alguém ter dito no seu dia que merecia ir directamente para o caixote do lixo.

O *Dicionário da Academia* é uma excelente ferramenta para a codificação em português. Para ler os clássicos, temos outras.

## Referências

### Dicionários

- Casteleiro, J. Malaca (coord.) (2001) *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*. [aqui: *Academia*].
- Costa J. Almeida e A. Melo, A. Sampaio e (1998) *Dicionário da Língua Portuguesa da Porto Editora*. 8ª edição, revista e atualizada pelo Departamento de Dicionários da Porto Editora. Porto: Porto Editora. [aqui: *Porto Editora*].
- Ferreira, A. Buarque de Holanda (1986): *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2ª edição, revista e aumentada. 20ª impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. [aqui: *Aurélio*].
- Aulete, F. J. Caldas (1987): *Dicionário da Língua Portuguesa Caldas Aulete*. 5ª edição brasileira, revista, atualizada e aumentada por Hamílcar de Garcia e Antenor Nascentes. Rio de Janeiro: Editora Delta. [aqui: *Caldas Aulete*].
- Vilela, M. (1991) *Dicionário do Português Básico*. Porto: Edições Asa. [aqui: *Vilela*].

### Bibliografia geral

- Alonso Ramos, M. (1993) *Las Funciones Léxicas en el modelo lexicográfico de I. Mel'čuk* (tese de doutoramento). Madrid: UNED.
- Calderón Campos, M. (1994) *Sobre la elaboración de diccionarios monolingües de producción. Las definiciones, los ejemplos y las colocaciones léxicas*. Granada: Universidad de Granada.
- Carvalho, J. Herculano de (1979) *Teoria da Linguagem. Natureza do Fenómeno Linguístico e a Análise das Línguas*. Vols. 1 e 2. Coimbra: Atlântida.
- Catach, N. (1981) *Orthographie et lexicographie. Les mots composés*. Paris: Nathan.
- Irsula, J. (1992) «Colocaciones sustantivo-verbo», em Wotjak (ed.) (1992), 159-167.
- Lapa, M. Rodrigues (1984) *Estilística da Língua Portuguesa*. Coimbra: Coimbra Editora.
- Mathieu-Colas, M. (1994) *Les mots à traits d'union. Problemes de lexicographie informatique*. Paris: Didier.
- Mel'čuk, I. A. (1992) «Paraphrase et lexiq: la Théorie Sens-Texte et le Dictionnaire explicatif et combinatoire», em Mel'chuk et al. (1992), 9-58.
- Mel'čuk, I. A., N. Arbatchewsky-Jumarie, L. Iordanskaja & S. Mantha (1992) *Dictionnaire explicatif et combinatoire du français contemporain. Recherches lexiço-sémantiques III*, Montréal: Les Presses de l'Université de Montréal.
- Saussure, F. de (1992) *Curso de Linguística Geral*: Lisboa: Dom Quixote [Publicado por Ch. Bally e A. Sechehaye em 1916, versão definitiva em 1922].
- Wojjak, G. (ed.) (1992) *Estudios de lexicología y metalexigrafía del español actual*. Lexicographica. Series Maior, 47. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.

## ÁLVARO IRIARTE SANROMÁN

É membro da AGLP. Vid. Síntese curricular no Vol. 2 (2008) deste *Boletim*.